

OS SIGNIFICADOS DA CULTURA NA NARRATIVA SUBJETIVA E NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE MASCULINIDADES NEGRAS GAYS EM ARAGUAÍNA, TOCANTINS

Maycon Douglas Silva Ribeiro ¹
Yonier Alexander Orozco Marín ²

INTRODUÇÃO

O campo dos estudos de gênero e sexualidade tem provocado diferentes debates sociais desde a década de 1960/1980. Desde os primeiros estudos, vem-se pensando o lugar do masculino e do feminino na esfera social, como também, as manifestações da sexualidade (Valeska Zanello, 2018).³

No entanto, ao longo do tempo é visto e discutido a complexa relação desses marcadores, uma vez que, se descortina ideias como, por exemplo: a existência de um feminismo negro considerando a racialidade, as implicações do lugar feminino a respeito da maternidade, a necessidade de discutir masculinidade, etc. Tais questões, estão imbricadas nesses campos de estudo operando a nossa cultura, espacialidade e construções simbólicas (Valeska Zanello, 2018).

Nesse caminho de abertura, entre diferentes temas relativos ao que se pensa enquanto feminino na segunda metade do século XX, demarcou-se enquanto terreno de estudos, as masculinidades como um lugar a ser (re)pensado e provocado à modificação em suas estruturas sociais, nas relações e, sobretudo, em processos de subjetivação desses homens diferentes (Valeska Zanello, 2018).

Mas, semelhantemente, capturados pela estrutura patriarcal que empobrece possíveis novas possibilidades de ser homem. Assim, os estudos das masculinidades surgem com o intuito de compreender, como se torna homem em diferentes contextos sócio-históricos, a partir dos

¹Psicólogo Clínico e Social. Graduado em Psicologia pela Faculdade Católica Dom Orione (FACDO). Mestrando em Estudos de Cultura e Território pela Universidade Federal do Norte do Tocantins. E-mail: ribeiro.saudemental@gmail.com.

²Doutor em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Magistério Superior, lotado no curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Norte do Tocantins. E-mail: yonier.marin@ufnt.edu.br.

³Este trabalho é parte dos resultados de pesquisa do mestrado elaborados inicialmente em formato teórico com revisão de antecedentes desde o período de fevereiro de 2025 à julho de 2025.

estudos de gênero que questionam os funcionamentos sociais e repertórios comportamentais vistos e tidos como “masculinos” (Valeska Zanello, 2018).

A hegemonia masculina produziu ao longo do tempo modos de sobrevivência baseados em uma suposta lógica da onipotência pela qual a virilidade no homem pressupõe poder. Quanto mais atributos viris, melhor é a capacidade e a habilidade para desempenhar o papel masculino. Essa ideia está presente entre diferentes culturas e organiza os papéis de gênero nas comunidades e territórios independente da sexualidade do homem (Valeska Zanello, 2018).

Mas, para Oyeronke Oyewumi (1997), tal hegemonia masculina com seus atributos construídos sócio-historicamente não tiveram plenamente um lugar universal. O ocidente elaborou, em especial a partir da segunda onda do feminismo entre as décadas 1960 e 1980, a ideia de que a dominação masculina é um dado universal do qual não se escapam os homens enquanto parte da estrutura dominante, e as mulheres como dominadas.

Oyeronke, destaca a importância de perceber que a visão ocidental disseminou no pensamento científico e nos estudos de gênero que, a hegemonia masculina é um fenômeno universal. Mas, frisa que tal prisma não deve ser aplicado criticamente a todas as sociedades. Pois, o “gênero”, portanto, nem sempre organiza os papéis sociais entre diferentes culturas.

Nesse sentido, compreende-se que o sujeito se desenvolve a partir das condições culturais e possibilidades disponíveis em seu território. As boas condições de vida, as condições biopsicossociais e a subjetividade se darão a partir do contexto em que o sujeito está inserido. Logo, o território não é um espaço apenas materialmente físico, mas também um lugar que abriga relações de poder, disputas, e transformações que podem ser mobilizadas pelos seus sujeitos sociais (Rogério Haesbart, 2023).

Assim, os homens se tornarão masculinos à medida que socializam as características do seu meio produzindo as performances e a relações de poder que sustentam tal lugar (Schlickmann, 2016). Ou seja, cada lugar produziu ao longo do tempo diferentes maneiras de ser homem, porém, a virilidade e a aparente invulnerabilidade são fenômenos entre os homens ocidentais (Schlickmann, 2016).

John Mundell (2013), ao discutir as masculinidades negras gays tendo como território a capital de Salvador da Bahia, analisa dez relatos diferentes de homens negros gays jovens adultos. Identifica uma reprodução hegemônica universal do sentido de ser homem, notando que, os aspectos viris e a suposta onipotência ainda marcam os homens do século XXI, mesmo nas sexualidades dissidentes.

Apesar dos novos tempos, da liberdade sexual, de novas construções em torno dos papéis de gênero e concepções sobre ser homem ou mulher, que parece desconstruir velhas ideias,

ainda assim, em torno das interpretações e acepções sociais sobre ser homem, pairam velhos paradigmas nas identidades de gênero (John Mundell, 2013).

A masculinidade como comportamento sociocultural irá definir o gênero masculino, suas atitudes, posicionamentos e valores também repassados de geração em geração. Tal padrão geracional solidifica o modo de conduta, o pensamento, e as atitudes frente à realidade objetiva. Com isso, no que tange às práticas e lógicas de cuidado entre os homens, segue uma transmissão de condutas de seus antepassados (Rangel et al, 2017).

Do ponto de vista da saúde individual, por exemplo, os homens possuem mais dificuldades com o bem-estar fisiológico e mental, e em decorrência disso, morrem mais que as mulheres. Consequentemente, os valores geracionais sociais entre homens são tão persistentes ao ponto de interferir subjetivamente nos processos de prevenção, surgimento ou tratamento de alguma doença ou comorbidade (Rangel et al, 2017).

Entende-se, então, a construção das subjetividades “masculinas” como fenômeno relacional, interpretados pelos elementos presentes em nossa cultura, incorporando caminhos privilegiados de subjetivação, mesmo nas sexualidades homossexuais. Entretanto, há que se discutir sobre a presença resistente de uma lógica de masculinidade com engendramentos que preservam culturalmente o homem como figura central de poder nas relações (Daniel Barral; Valeska Zanello, 2021).

Considerando a influência territorial sobre as manifestações materiais e simbólicas, que implicam sobre as identidades e a dimensão de pertencimento dos sujeitos, enfatiza-se a cidade de Araguaína, Tocantins como espaço que viabiliza elementos culturais e simbólicos que organizam as identidades masculinas, narrativas, e o sentimento de pertencimento dos seus sujeitos (Rogério Haesbart, 2004).

Juridicamente criada no fim da década de 1950, Araguaína no Norte Tocantinense, movimentou-se economicamente por atividades mineradoras, e mais tarde firmou-se nas atividades agropecuárias, ramo que empreende seus esforços até o presente (Lillian Fernandes, 2017).

Para Lillian Fernandes (2017), a presença relevante da Igreja Católica na cidade, é marcadamente um dos elementos constituidores da formação territorial de Araguaína. Isso porque, o objetivo econômico que estabelece a formação local e o seu desenvolvimento foram construídas a partir da produção e influência religiosa presente. Qualquer estado de bem-estar social local que pudesse fornecer as obras religiosas, tinham como finalidade a projeção e fortalecimento econômico da própria comunidade religiosa, cujo a paisagem de Araguaína, hoje, concretiza o seu patrimônio.

Assumindo essas concessões, tendemos a pensar que o território de Araguaína é marcado pela forte presença agropecuária e religiosa. E isso influencia na existência ou criação de espaços sociais com expressividades de gênero e sexualidade dissidentes. Observa-se, a partir disso, que, originar espaços que dêem lugar a outras identidades e sexualidades, que podem existir no âmbito das masculinidades, é incorrer no risco de serem capturadas e cerceadas pelo ideal identitário masculino, operado pelas forças religiosas no território.

Assim como a paisagem e as obras religiosas concretizam sua presença em Araguaína, cultural e simbolicamente, para Rogério Haesbart (2004), a identidade dos sujeitos serão operadas não só pela exploração dos recursos econômicos, mas também, pelo controle e poder representados pelas políticas Municipais, Estaduais, bem como, neste caso, pela forte presença religiosa. Ser homem de outras maneiras passa fundamentalmente pelo exemplo religioso sobre a família, sobre ser homem e mulher, etc.

Desse modo, a pergunta norteadora desta pesquisa é: como se constroem e vivenciam as masculinidades negras gays no contexto do território de Araguaína, Tocantins, a partir das narrativas de homens negros gays cisgênero sobre suas vivências e histórias de vida? Tendo como objetivo geral: Analisar como se constroem e vivenciam as masculinidades negras gays no contexto do território de Araguaína, Tocantins, a partir das narrativas de homens negros gays cisgênero sobre suas vivências e histórias de vida.

Quanto aos objetivos específicos, será analisado através de entrevistas semi-estruturadas: a) Investigar a presença de trabalhos que retratam os processos de subjetivação de homens negros gays nos eventos acadêmicos adotados; b) Analisar as narrativas de dois homens negros gays, sem critério de idade e escolaridade, versando sobre suas percepções sobre ser homem negro gay no território de Araguaína-TO.

O presente trabalho tem focado no seu objetivo específico no que tange a coleta de dados disponíveis nos eventos acadêmicos selecionados, que possibilita a revisão teórica que fundamentará esta pesquisa. Ainda será analisado as narrativas de dois homens negros gays em Araguaína para que se possa desvelar e sustentar a pergunta de pesquisa, encontrando elementos que norteiam o caminho.

Tendo em vista os funcionamentos sociais modelados pelo gênero, a partir de cada território sócio-histórico produzindo jeitos de ser homem, consideramos analisar como tem sido apresentado e discutido tal processo nas pesquisas e discussões de diferentes regiões do Brasil, condensadas em anais de eventos acadêmicos específicos. Assim, para responder a pergunta de pesquisa, foi realizado uma revisão de antecedentes em três eventos acadêmicos diferentes:

Congresso brasileiro de pesquisadores/as negros/as – COPENE, Seminário Internacional Fazendo Gênero, e Seminário Internacional Desfazendo Gênero.

Têm-se como objeto, a análise dos congressos e seminários como bases de dados que fornecerão os pressupostos que devem indicar como estão sendo construídos os discursos científicos e sociais em torno da identidade “masculino”.

Nesse sentido, os congressos e seminários são fontes que reúnem diferentes pesquisas que em geral estão em andamento a partir de programas de mestrado e doutorado, e funcionam como uma espécie de espaço de ensaio e amadurecimento sobre o estudo. O propósito é, capturar aspectos da cultura, do espaço territorial, e as narrativas como, características onde processos de subjetivação sobre modos de ser homem podem ocorrer, desvelando conflitos e/ou formas entre o corpo e o espaço, aos quais são capazes de viabilizar novos modos para (re)pensar o masculino.

Investigou-se, dentro de cada evento acadêmico, os seus anais, nas categorias de A a Z, sem distinção de ano, priorizando trabalhos que versam essencialmente sobre masculinidades negras gays. Assim, será analisado individualmente cada anais, observando-se os sumários e/ou utilizando o buscador do *Adobe Acrobat Reader – Leitor de PDF* para encontrar e selecionar os temas relativos a presente pesquisa. Ressalta-se, que as construções aqui ainda são de ordem de uma revisão de antecedentes.

METODOLOGIA

Trata-se, de uma pesquisa qualitativa de caráter interpretativo, tendo o objeto de pesquisa sendo analisado dentro do seu contexto natural, para que se busque entender e interpretar os fenômenos em termos dos significados atribuídos pelos sujeitos (Antonio Gil, 2025). Uma revisão sistemática de antecedentes da literatura foi realizada como base para investigação dos assuntos, avançando criticamente sobre o que já foi discutido, ou vem sendo produzido sobre o presente tema (Antonio Gil, 2025). Como parte da revisão de antecedentes, reúnem-se aqui trabalhos publicados nos anais dos respectivos eventos acadêmicos aqui citados em paralelo com outros referenciais que incorporam esta análise. Porém, a revisão não se esgota aqui, apenas apresenta um ensaio sobre a discussão.

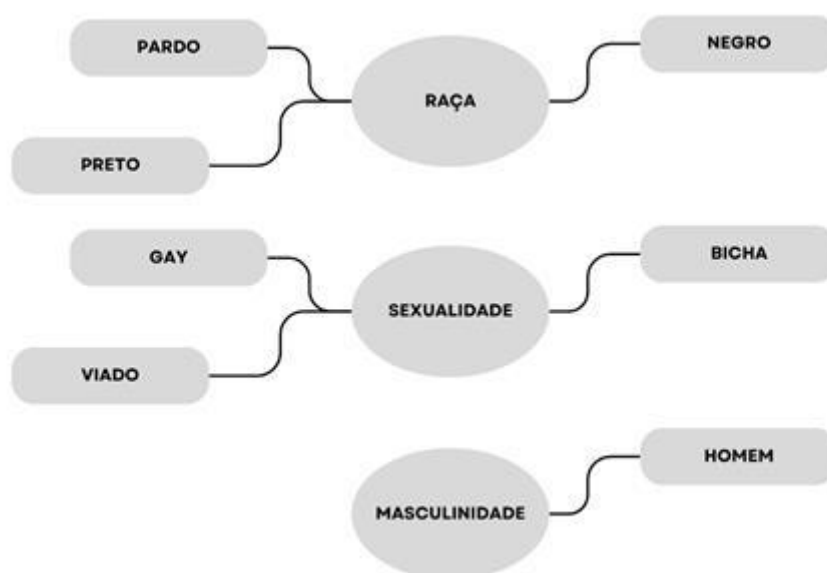
Mediante proposta qualitativa, nossa investigação será por meio do método de pesquisa *Estudo de Caso*, o qual permite investigar empiricamente um fenômeno, sujeito ou grupo social em profundidade dentro do seu contexto individual e coletivo. O método propõe investigar limites que não se apresentam claramente definidos entre o fenômeno que se analisa e o

contexto em que se apresenta (John Shaughnessy, 2012). Ou seja, não se separa o objeto de seu contexto, o que torna fundamental a adoção desse caminho metodológico, por se tratar do estudo contextual de masculinidades negras gays em Araguaína, Tocantins.

Como técnica de coleta de dados incorporada no estudo dos casos, adota-se a Entrevista como processo voltado para a perspectiva do participante. Apesar desse tipo de técnica envolver a influência do pesquisador durante a aplicação, o instrumento busca, sobretudo, a ótica do outro. Busca o que os entrevistados apresentam como opiniões, avaliações, concepções e informações, apresentando como limites a sinceridade e o grau de consciência e de conhecimento dos participantes (Carla Leitão, 2021).

No que diz respeito ao número de participantes desta pesquisa, será selecionado duas pessoas, localizadas na zona urbana do município de Araguaína, Tocantins, com critério de idade a partir dos 25 anos aos 40 anos, sendo homens negros gays cisgênero, inseridos ou não no mercado de trabalho, com critério de escolaridade, tendo a partir do ensino fundamental. Quanto à coleta de dados, foi realizada no período de fevereiro de 2025 a maio de 2025. Os resultados apresentados tratam do primeiro objetivo específico, sendo a investigação dos trabalhos nos anais dos eventos acadêmicos adotados. Para encontrar os trabalhos, foram utilizados os descritores de busca abaixo para a seleção.

Figura 1. Descritores de busca.



Fonte: Autores.

As categorias de raça, sexualidade, masculinidade, se relacionam quando na busca pelos temas, devem estar presentes pelo menos duas subcategorias, sendo: homem gay, e negro gay, conforme a figura 1. Pois o enfoque desta pesquisa é discutir processos de subjetivação das masculinidades negras gays, e compreender como estão localizados nos trabalhos e debates acadêmicos, bem como, analisar suas narrativas nas entrevistas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando pensamos em homens, alguns significantes podem ser observados como, por exemplo, à respeito da virilidade masculina, o quanto são fortes, a onipotência emocional frente às experiências dolorosas ou traumáticas da vida subjetiva, etc. Nesse sentido, tais características não são exclusivamente do homem como se essas características dadas tivessem algo da ordem sagrada, biológica, ou exponencialmente para além de nossas experiências racionais materiais (Stuart Hall, 2016).

Sobre isso, Stuart Hall (2016), argumenta que o significante ou o sentido das características em que nomeamos determinado objeto ou pessoa passa por um “mapa conceitual” e por “sistemas de representação” no qual são construídos e fixados por códigos, tendo o conceito como regra inevitável. Dessa maneira, ao considerar as colocações de Hall, todas as vezes que pensamos na palavra “homem” os códigos de nossa cultura evocam as características fixadas pelos nossos sentidos. Ou seja, somos nós quem definimos o sentido de algo a partir dos códigos culturais que criamos. Isto é, em nossa linguagem e a partir da nossa palavra, as nossas narrativas se organizam nessa perspectiva, fixando o que é moral, ético, religioso, masculino ou feminino.

Diante dessa ideia, é preciso realizar um recorte imprescindível ao tratar de masculinidades, pois, apesar de existir analogias entre o comportamento dos homens, nenhuma ação pode ser observada e interpretada como semelhante. Para Orison Júnior (2023), as masculinidades não possuem atributos naturais, são socialmente construídas, e compartilham uma identidade de gênero coletiva, possuindo características interseccionais como a posição socioeconômica, raça, etnicidade, religião, idade, localização geográfica, etc., que situam e organizam os homens na esfera social.

Neste caso, estamos falando também do conceito de “masculinidade hegemônica”, a qual, trata-se da dominação masculina na sociedade ocidental e relações de dominação no aspecto cultural pelos homens (Valeska Zanello, 2018). Portanto, aquelas características dadas pelas representações sociais sobre os homens, são encorajadas pela égide da hegemonia masculina.

Ou seja, força, poder, qualidade de liderança, etc., impulsionam a ideia de virilidade entre homens. O que se constitui não só pelo discurso biológico determinista do século XX, como também, pelas práticas sociais nas situações privadas ou públicas das relações entre homens e mulheres (Valeska Zanello, 2018).

Nesse sentido, para Judith Butler (2016), o gênero não é algo essencialmente natural, trata-se de uma performance. Nesse pressuposto, as masculinidades e os homens enquanto identidade, performam expressões de gênero impostas pelo imaginário e práticas sociais que as constituiu, utilizando a biologia como resultado e meio para situar o que é do masculino e feminino. Tal identidade masculina “[...] é *performativamente* constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados” (Judith Butler, 2016, p. 44, grifo da autora).

Porém, como sinaliza Orison Júnior (2023), apesar da dominação hegemônica masculina, nenhum homem fala do mesmo lugar, e nesse sentido, se reflete que nenhuma coincidência deve ser observada como semelhante, ao fato de que, cada narrativa entre as masculinidades terá contornos sociais distintos, como é o caso de homens negros heterossexuais, e homens negros gays cisgênero.

Dessa forma, homens negros, socialmente, possuem menos espaço quando se trata da vida laborativa, das relações afetivas, e espaços de poder. Pois, a cor da pele irá conduzir o sujeito aos lugares e situações de menor prestígio social e à precarização da vida. No entanto, havendo o fator da sexualidade dissidente às normas cis-heterossexuais da nossa época, torna-se complexo discutir o lugar do homem negro gay nos espaços sociais em razão da sexualidade marcar o corpo tanto quanto a pele (Romeu Gomes et al, 2022).

Para Megg Rayara Oliveira (2018), pesquisadora brasileira e mulher trans, argumenta que o movimento negro que se desenvolveu no Brasil entre os anos de 1930 e 1970, está frequentemente atrelado à cis-heterossexualidade, o que leva à exclusão de identidades de gênero dissidentes, como travestis e mulheres transexuais negras. Ela observa que expressões de sexualidade e gênero consideradas “desviantes” são invisibilizadas dentro de certos setores do movimento negro.

Ainda para Megg Rayara Oliveira (2018), a complexidade das condições que tornam invisível os homens negros e gays na sociedade, sem direito a uma identidade, é semelhante a que atravessa as subjetividades e os corpos das mulheres transexuais e travestis negras. Apesar da sexualidade e da cor da pele pressupor uma luta unilateral antirracista, contra a homofobia e transfobia, a autora entende que, isso está aquém das estratégias de combate e enfrentamento ao preconceito, seguindo capturados por ideais da cis-heterossexualidade.

Segundo Lilia Schwarcz (1993), corpos negros, povos, etnias e territórios onde se localizavam negros e indígenas, sofreram exclusão desde o período colonial, e isso produziu marcas sociais que ao longo do tempo foram se apresentando de formas sofisticadas em nossas relações. Para Neusa Souza (2021), tal processo de exclusão dessas identidades criou as dificuldades para a população negra como, por exemplo, em elaborar a própria identidade, reconhecer seus esquemas corporais, exatamente por meio das implicações do suposto modelo branco universal de ser ou tornar-se pessoa. Ou o melhor, tornar-se negro a partir da perspectiva de construção da identidade.

Mas, a exclusão colonial para Silvio Almeida (2020), tem o racismo como elemento estruturante, histórico e político, na qual, são criadas as condições sociais de forma direta ou indireta para que os grupos racialmente identificados sejam discriminados sistematicamente. Ainda que a instrumentalização jurídica tenha aprimorado a responsabilização sobre práticas racistas, não é o suficiente para que a nossa sociedade abandone a produção sistemática de desigualdade racial que advém fundamentalmente de nossa cultura, marcando sujeitos e demarcando seus lugares no estrato social.

Segundo Frantz Fanon (2008), a colonialidade não apenas estrutura o racismo no ocidente como tenta definir a subjetividade das pessoas negras. Estabelecendo pressupostos que criam na relação entre colonizado e colonizador um complexo de dependência, na qual o colonizado inferioriza-se diante dos constructos simbólicos e materiais do colonizador. Assim, constroi-se a ideia de dependência do colonizado pelo colonizador como peça fundamental do discurso ideológico que mantém narrativas e práticas de dominação. Nesse contexto, o homem negro em Fanon, além de não ser visto como universal, é pensado a partir de uma norma cis-heterossexual, implicando em uma visão essencialista, limitando outras possibilidades de ser homem.

Romeu Gomes et al (2022), reflete que os homens negros (gays) passam por uma experiência multidimensional no que se refere ao tornar-se homem e ser negro, pois os predicados não são os mesmos, tendo em vista que para ser homem é preciso seguir um ideal hegemônico branco. Primeiro torna-se homem, mas para se tornar homem mesmo, será necessário performar as características que devem ser do homem branco com seu *modus operandi* civilizado, como é o exemplo dado a mulher negra, de traços finos, remetendo a estética da mulher branca valorizada socialmente.

Com isso, para Romeu Gomes et al (2022), só se torna homem quem, também, se distancia dos traços femininos. Percebe-se que, o homem negro e o homem negro gay não possuem uma identidade própria, mas emprestada pelo homem branco. Conforme Frantz Fanon (2008), isso

ocorre pela anulação das raízes do povo negro que, portanto, sem os significados de sua identidade, do próprio lugar e da própria cultura, resta “tomar emprestado” referências paradigmáticas da branquitude.

Segundo John Mundell (2013), o homem negro gay não escapa da hegemonia masculina branca, ele também sofre as implicações da ascensão ou da queda dos ideais masculinos, e sistematicamente reproduz nas relações afetivas e interpessoais o modelo de homem socialmente aceito. Assim, quando se pensa sobre a masculinidade, tem-se de pluralizar o termo pois não existem garantias do que vem a ser exatamente do gênero masculino, existem apenas tangentes que fornecem caminhos de análise.

Portanto, enquanto o homem negro hetero corresponde com a ideia da universalidade do homem branco, o homem negro gay não só vive o mesmo, como para além disso, precisará lidar com as nuances da sua sexualidade no mundo dos homens. Ou seja, a procura por um referencial de masculinidade julga-se procedente apenas na tal “universal” masculinidade heterossexual branca (John Mundell, 2013).

Conforme Edson Defendi (2022), já que os referenciais disponíveis não são objetivamente seguros, portanto, são os motivos pelos quais o homem gay tem dificuldades na expressão da sua sexualidade. Historicamente, no ocidente, a vivência masculina vem tentando se distanciar de qualquer elemento feminino que os possa comparar com a representação social do “sexo frágil”, assim, apenas uma tímida porcentagem de homens gays negros e brancos conseguem subverter esse contexto.

Mas, não existem garantias de que esse processo não tenha gerado uma homofobia e/ou machismo internalizados entre os homens gays negros e brancos, a qual, poderá organizar a relação homoafetiva e interpessoal com outros homens e mulheres, projetando inconsciente os traços da dominação masculina (Edson Defendi, 2022).

Nesse sentido, Edson Defendi (2022) considera uma breve reflexão sobre certa (des)identificação de masculinidades gays em relação ao gênero feminino, reflete que não existem prerrogativas que sustentam a ideia do que é ser do gênero feminino, uma vez que as discussões contemporâneas não asseguram os paradigmas em torno do que é pertencer ou se tornar do gênero feminino.

Tal proposição se apoia no pluralismo feminino que subverte a lógica biológica, assim é possível que outras identidades como pessoas trans e travestis manifestem mais “formas femininas”. O que se quer dizer com isso também, é que novamente, não existe um ideal satisfatoriamente correto pelo qual os homens heterossexuais ou gays pudessem se identificar

caso não empreendessem esforços contra o feminino, porque a luta pela igualdade de gênero ainda não é a causa maior (Edson Defendi, 2022).

Para Zanello (2018), não existem garantias biológicas do que seja pertencer a um determinado gênero biológico, e afirma que haveremos de lidar então com as dicotomias culturais e representações sociais em torno do gênero e da sexualidade humana. Na história ocidental, a biologia determinista naturalizou o pensamento de que o homem só pode ser homem com a presença do “pênis”, e a mulher com a presença da “vagina”. Mas, esse pensamento não se consolida por um processo metafísico, considera-se que o que naturalizou tal lógica foram as inferências da cultura do ocidente.

Conforme entrevista conduzida por Yonier Marín (2022), com a pesquisadora mexicana Siophan Guerreros Mc Manus. Ela refletirá os novos modelos interpretativos da biologia contemporânea, afirmando, por exemplo, contribuições da psicologia evolucionista cultural, e as interações entre gene e cultura, as quais se distanciam de perspectivas deterministas que propôs a biologia há 30 anos atrás. Ressalta que, hoje, os esforços são para desconstruir dualismos no campo biológico como a dicotomia entre sexo (biológico) e gênero (cultural), bem como entre natureza e cultura.

Dessa maneira, Stuart Hall (2016) ao tratar da cultura entende que, não só ela como parte da experiência humana irá organizar os sentidos, como potencialmente, os signos, os significantes, e diferentes linguagens poderão estruturar nossas narrativas em torno dos espaços concretos no mundo. Esse fenômeno, em nada é naturalizado do ponto de vista transcendental, tudo parte da nossa capacidade de construir habilidades e performances mais ou menos aceitas culturalmente. Porém, não é a cultura que produz o aceitável, são os seus signos e suas linguagens que podem impulsionar narrativas culturalmente, o que pode ser aceitável entre nós.

São as nossas representações a partir de nossa linguagem que criam as condições sociais, as quais situam cada um de nós no tecido social, até mesmo a cultura “masculinista” com suas prerrogativas não questionadas, e a insuficiente discussão sobre masculinidades gays, considerando recortes sociais importantes como os de classe, cor da pele, etc. O que nos mostra inconsistências e críticas que sejam capazes de produzir efeitos de igualdade em um cenário ainda abundante de narrativas opressoras reproduzidas por homens independente da sua sexualidade (Mara Vigoya, 2018).

Por fim, conforme Bell Hooks (2008), mediante aos processos culturais e a possibilidade da linguagem dos sujeitos, as experiências se transformam em narrativa e viabiliza a criação simbólica dos códigos e significantes que estruturam o pensamento humano em diferentes épocas, e constroem as lógicas de civilização, moralidade, sentimento, sentido, e cultura.

Assim, nos tocamos pela linguagem, ainda que em nossa sociedade tenha prevalecido a narrativa de que o campo das ideias é mais importante que a linguagem.

É a via da língua expressada no mundo concreto que dá sentido às nossas subjetividades intrapsíquicas. Portanto, só acessamos a nós mesmos, às nossas mentes e os nossos corpos, as emoções, o que é marginalizado e oprimido em nós, e aos interditos em nós, quando ocorre necessariamente a passagem pela experiência da linguagem (Bell Hooks, 2008).

BREVE HISTÓRICO DOS EVENTOS ACADÊMICOS ADOTADOS:

O **Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as (COPENE)** é um dos principais eventos acadêmico-científicos do Brasil e da América Latina, reunindo pesquisadores/as negros/as e estudiosos/as das questões raciais para promover e difundir pesquisas voltadas à realidade da população negra no Brasil e na diáspora africana. Organizado pela Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), o evento ocorre periodicamente desde sua criação, consolidando-se como espaço de reflexão crítica, articulação política e fortalecimento das epistemologias negras.

O **Fazendo Gênero** é um seminário internacional de estudos de gênero e feminismos realizado desde 1994 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Reconhecido como um dos maiores eventos acadêmicos sobre gênero na América Latina, o seminário reúne pesquisadores/as, ativistas, artistas e estudantes para discutir temas relacionados às mulheres, sexualidades, feminismos e diversidade.

Já o, **Desfazendo Gênero** é um seminário internacional que se consolidou como um espaço de referência para debates interseccionais sobre gênero, sexualidade, raça, classe e dissidências corporais no Brasil. Criado em 2013, o evento reúne pesquisadores/as, ativistas, artistas, estudantes e lideranças de movimentos sociais, com o objetivo de promover diálogos críticos e plurais sobre as múltiplas formas de existência e resistência frente às normatividades de gênero e sexualidade.

BREVE ANÁLISE DOS EVENTOS ACADÊMICOS ADOTADOS, TRABALHOS ENCONTRADOS E REGIÕES DO BRASIL:

Foram encontrados 13 anais do COPENE divididos nas etapas Norte, Nordeste, Sul, e Sudeste. No entanto, o II COPENE/NORTE, e o COPENE SUL identificado como em sua IV

edição, estão com acesso indisponível, considerando as tentativas de pesquisa entre os dias 01 de abril de 2025 a 20 de abril de 2025, portanto, analisou-se 11 congressos.

Dentre os 11, foram encontrados três eventos no Norte do Brasil: **I COPENE Norte (2017)**: Realizado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em Manaus. **II COPENE Norte (2019)**: Sediado no campus de Palmas da Universidade Federal do Tocantins (UFT). **IV COPENE Norte (2023)**: Ocorreu na Universidade Federal do Acre (UFAC), em Rio Branco, de 6 a 10 de novembro de 2023, com o tema "20 Anos da Lei 10.639/2003: Aquilombamento, Formação de Professores(as) e Desafios da Educação Antirracista na Amazônia".

Após a apreciação de cada evento do copene, e a análise dos seus anais, foram encontrados dois trabalhos. Um no congresso por tema Afrodíaspóra: saberes pós-coloniais, poderes e movimentos sociais, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro em julho de 2010, e o outro no congresso com tema: Os desafios da luta antirracista no século XXI, realizado na Universidade do Estado de Santa Catarina em julho de 2012.

A análise dos anais do Copene identificou-se dois trabalhos relacionados ao eixo de masculinidade e sexualidade, e o outro na categoria de raça e sexualidade. O primeiro trabalho está localizado na região Sudeste do Brasil, tendo o autor situado na Universidade Estadual Rural do Rio de Janeiro, e o outro no Nordeste do país pela Universidade Federal do Ceará. Como este trabalho ainda está em andamento, as interpretações e análises serão de caráter preliminar, com breves ensaios que apontam para caminhos possíveis de discussão e investigação. Inicialmente apresentamos os trabalhos localizados no COPENE (Quadro 1).

Quadro 1. – Trabalhos localizados no COPENE.

Título	Autores(as)	Ano	Universidade/Região	Eixos
--------	-------------	-----	---------------------	-------

Pontos de encontro entre O bom crioulo e Madame satã: narrativas acerca de homens negros e homossexuais	Rodrigo Antonio Reduzino	2010	Universidade Estadual do Rio de Janeiro	Masculinidade: Homem; Sexualidade: homossexual/gay
Estranhamentos públicos com o corpo negro gay: obliquidades entre Madame Satã e Jorge Lafond	Alecsandro José Prudêncio Ratts	2012	Universidade Federal do Ceará	Raça: negro; Sexualidade: gay

Fonte: Autores

A tabela apresenta dois trabalhos em formato de resumo para apresentação oral. Quando pesquisado de forma livre no *google* ou na base de dados do *Google Acadêmico* constata-se que não houve uma publicação em formato de artigo, dissertação ou tese desses achados. Embora o resumo dos dois temas apresentem ideias iniciais convergentes a esta pesquisa, não há garantias de que se estivessem no modelo de resumo expandido poderiam contribuir enquanto qualidade para a análise. No entanto, o que nos ocupamos aqui é desvelar se homens negros gays estão sendo pesquisados nos debates sobre masculinidades.

Concernente aos estudos do feminismo que dão origem ao estudos das masculinidades, nota-se dificuldades dentro da ampla discussão do feminismo em tratar sobre mulheres negras, ou o que nomeia-se de feminismo negro. Não porque a discussão nunca existiu, mas posto que a estrutura racial que situa pessoas negras a partir da cor da pele e do racismo, não acompanhava o “modelo de sujeitos universais brancos”. Todavia, homens negros heterossexuais também são marcados ordenadamente pelo modelo de universalidade branco, no qual os homens brancos heterossexuais tornam-se um padrão sucessivo.

Entretanto, o que os dois trabalhos localizados têm em comum é o debate sobre o homem

negro gay que subverte o imaginário social a respeito do que é ser um homem negro gay. Ao mostrar a figura de Madame Satã desenvolvido e performado pelo João Francisco dos Santos, um transformista nascido em 1900, tendo começado seus trabalhos como artista em meados de 1930 e desenvolvido-se artisticamente até a sua morte em 1976, percebe-se, um caminho não linear do gênero e sexualidade de João Francisco dos Santos. Pois, a sua performance e identidade se caracteriza pela insubmissão a um corpo gendrado na suposta universalidade de gênero e sexualidade.

Assim também, interpreta-se a pessoa de Jorge Lafond, vivido por Jorge Luiz Souza Lima, nascido em 1952, e desenvolvendo seus trabalhos entre os anos de 1969 a 2002, e falecido em 2003. Jorge Lafond, identificado como homem, marcado pela raça enquanto negro, e pela sexualidade enquanto gay, vivia diferentes personagens na Tv brasileira, mas destacava-se como *Drag Queen* representando a famosa Vera Verão que marcava, inclusive, as noites do programa de televisão “A Praça é Nossa”, protagonizado pelo humorista e apresentador Carlos Alberto de Nóbrega, na emissora brasileira SBT.

Em Madame Satã e Jorge Lafond, vimos a semelhança da contrariedade relacionado ao gênero, identificados como homens, não seguiam caminhos normativos ainda que em sua época houvesse maior resistência à maneira como viviam as suas masculinidades. Butler (2018), aponta que as categorias de gênero não são em sua essência fixas ou naturais, e o que existe é uma construção social mediada pelas nossas práticas culturais, comportamentos e linguagens, organizando o que vem a ser de homem ou mulher. Ou seja, o sexo biológico não determina o gênero, e subversão da identidade é o desafio as normas sociais que criaram jeitos exclusivos para ser homem ou mulher.

A seguir, apresentamos os trabalhos localizados no evento “Fazendo Gênero” (Quadro 02). No **Fazendo Gênero**, foram encontrados 12 seminários, porém, não foi localizado o primeiro encontro (Fazendo Gênero - Seminário de Estudos sobre a Mulher) que aconteceu de 30 de novembro a 2 de dezembro de 1994, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, assim, foram analisados 11 seminários.

Dentre os 11 foram localizados três trabalhos: um no Seminário Internacional Fazendo Gênero 10ª edição: Desafios Atuais dos Feminismos, realizado em 2013, sendo o pesquisador da Universidade Federal da Bahia. E os outros dois no Seminário Internacional Fazendo Gênero 11ª edição: Transformações, Conexões, Deslocamentos, realizado em 2017, sendo um pesquisador da Universidade Federal do Paraná, e outro da Universidade Federal de São Carlos.

Quadro 2. Trabalhos localizados no evento Fazendo Gênero

Titulo	Autores(as)	Ano	Universidade	Eixos
--------	-------------	-----	--------------	-------

As masculinidades de homens negros gays em Salvador da Bahia	John Andrew Mundell	2013	Universidade Federal da Bahia	Masculinidade: Homem; Sexualidade: homossexual/gay; Raça
A materialização de masculinidades gays no desing de interiores: um estudo sobre a mostra Casa Cor	Cláudia R. H. Zacar; Marinês Ribeiro dos Santos	2017	Universidade Federal do Paraná	Masculinidade: Homem; Sexualidade: homossexual/gay
Manas: um estudo das mensagens sociais acerca das masculinidades gays no grupo de Facebook	Rodrigo Melhado	2017	Universidade Federal de São Carlos	Masculinidade: Homem; Sexualidade: homossexual/gay

Fonte: Autores.

Até o momento, todos os congressos do Fazendo Gênero foram realizados exclusivamente na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, no estado de Santa Catarina, região Sul do Brasil. Desde sua primeira edição em 1994, o evento ocorre de forma bienal e não há registros de edições realizadas na região Norte do país.

O estudo “As masculinidades de homens negros gays em Salvador da Bahia”, é um resumo expandido, cujo o autor está situado na região Nordeste. Este trabalho é parte de uma dissertação de mestrado no qual o autor John Andrew Mundell finaliza em 2014 na Universidade Federal da Bahia. O trabalho apresentado de Mundell (2013), mostra que as masculinidades de homens negros gays são multicontextuais e flexíveis, construídas em resposta às pressões da sociedade heteronormativa e racista.

Destaca ainda que, não há um modelo único de ser homem negro e gay, e que tais identidades são modificadas conforme o ambiente social. Os argumentos do autor propõe a

necessidade de uma abordagem holística, decolonial e interseccional na compreensão das vivências de homens gays negros no Brasil.

Já o evento **Desfazendo Gênero** tem seis edições, foram analisadas apenas quatro, pois não foram encontradas disponíveis a primeira e a terceira edição. O primeiro seminário se transformou em um livro que está disponível na biblioteca virtual do Conselho Regional de Psicologia – 3ª Região-BA. Porém, ao localizar para baixar o site não disponibilizou a opção para download em formato pdf.

O livro também não foi encontrado no formato pdf para baixar em pesquisa livre no buscador Google, impossibilitando sua análise. No caso da 3ª edição do Seminário Internacional Desfazendo Gênero, não foi encontrado disponível um site do evento, e quando utilizado o buscador *Google* para pesquisa livre sobre o evento, também, não foi localizado um link de acesso. Nenhuma edição desse evento foi realizada no Norte do Brasil.

Em análise, conforme o Quadro 3 abaixo, foi localizado apenas um trabalho disponível nos anais do Seminário Internacional Desfazendo Gênero 4ª edição: *Corpos dissidentes, corpos resistentes: do caos à lama*, realizado em 2019. Cujo o pesquisador é da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Quadro 3. Trabalhos encontrados no evento Desfazendo Gênero

Titulo	Autores(as)	Ano	Universidade/Região	Eixos
Eu cresci assim! Afeminado, preto e viado: masculinidades, raça e sexualidades na UFRRJ/Instituto multidisciplinar-RJ	Matheus Fortunato da Silva; Jonas Alves da Silva Junior	2019	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Masculinidade: Homem; Sexualidade: homossexual/gay; Raça

Fonte: Autores.

O único estudo da Quadro 3, trata-se de um resumo expandido, cujo os autores localizam-se na região Sudeste, em especial no contexto acadêmico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O trabalho é uma pesquisa qualitativa desenvolvida por meio de rodas

de conversa e diálogos entre os discentes da UFRRJ, onde revelou-se, as ações de (des)humanização do sujeito gay negro.

As respostas alcançadas, trouxeram aos autores a possibilidade de pensar sobre um sentimento de solidão que vai além das vicissitudes que marcam o homem negro gay, mas está atrelado à ordem social no que tange a sexualidade e ao racismo estrutural. sentimento este que ronda as vivências. Até o momento, nenhuma edição do Seminário Internacional Desfazendo Gênero foi realizada na região Norte do Brasil. Desde sua criação em 2013, o evento tem ocorrido principalmente no Nordeste e em outras regiões do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As masculinidades, tal como as conhecemos hoje, nunca estiveram menos complexas, apenas não eram discutidas. Os estudos e debates ainda se mostram tímidos diante da heterogênea interpretação em torno do que é ser homem. Assim, quando propõe-se discutir os atravessamentos culturais e territoriais que encontram as identidades e subjetividades de homens, entende-se que a leitura desse processo demanda um olhar sistematicamente interseccional.

Os homens como estão posicionados em diferentes estruturas sociais se assemelham apenas no patriarcado. Ser homem e heterossexual em diversas culturas expressa um valor de gênero que deve viabilizar lugares de prestígio sem alguma perícia social. Categoricamente, as masculinidades em geral são produzidas nas relações entre homens. Nenhum menino aprende a performar atributos tidos socialmente como masculinos sem passar pela relação patriarcal na qual os seus pais foram criados.

O que se desassemelha nesse processo de subjetivação das masculinidades é o recorte de raça e sexualidade, no qual homens negros serão marcados pela cor da pele negra e estarão sujeitos as diferentes situações do preconceito racial. E por outro lado, a sexualidade (homoafetividade), que dará passagem aos homens cisgênero e trans gays, homens cisgênero e trans bissexuais, homens trans que se relacionam com outros homens, ou não, etc. No entanto, outros homens serão marcados pelas duas qualidades, assim, raça e sexualidade organizarão a experiência de homens negros gays no laço social. A vivência desses homens estará atrelada ao preconceito racial e sexual.

Os achados apontam para o acanhado debate sobre as vivências e identidades de homens negros gays, e portanto, poucas condições para se analisar tais vicissitudes, tendo em vista a pluralidade subjetiva desses homens. Destacar a questão do pioneirismo da sua pesquisa na

região norte. Ainda assim, cada trabalho encontrado dá a dimensão necessária que mobiliza a presente pesquisa para uma massiva discussão em torno da construção das identidades e expressividades de homens negros gays. Pretende-se, a partir disso evidenciar a invisibilidade de outros jeitos de ser homem, outros usos da sexualidade, e outras manifestações do gênero que provoque mudanças na formação dos processos de subjetivação dos homens, e homens negros gays em Araguaína, Tocantins.

Palavras Chaves: Gênero, Masculinidades Negras, Negro Gay, Interseccionalidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. A raça na história. In: Racismo estrutural. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020. p. 24-57.

BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. ed. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 44-44.

BARRAL, Daniel de Castro; ZANELLO, Valeska. Estudos das masculinidades na psicologia brasileira: da invisibilidade da crítica à crítica da invisibilidade. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 21, n. 52, p. 672-688, set./dez. 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2021000300005>.

FANON, Frantz. Sobre o pretensu complexo de dependencia do colonizado. In: Pele negra, mascaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 83-102.

GOMES DE OLIVEIRA, Megg Rayara. As interseccionalidades. In: O diabo em forma de gente: (R)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. ed. 1, Salvador: Editora Devires, 2020. p. 69-98.

GOMES DE OLIVEIRA, Megg Rayara. Por que você não me abraça? Reflexões a respeito da invisibilização de travestis e mulheres transexuais no movimento social de negras e negros. *SUR: Revista Internacional de Direitos Humanos*, São Paulo, v. 15, n. 28, 2018. p. 167-179.

GIL, Antonio Carlos. Pesquisa qualitativa básica. Rio de Janeiro: Vozes, 2025.

GOMES, Romeu; NASCIMENTO, Elaine Ferreira do; ARAÚJO, Fabio Carvalho de. Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, n.3, v.23, 2007, p. 564-574.

HALL, Stuart. Representação, sentido e linguagem. In: Cultura e representação. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016. p. 31-53.

HOOKS, Bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. Florianópolis: Estudos Feministas, n.3, v.16, 2008, p. 857-864.

FERNANDES, Lillian Fonseca. O parque ecológico CIMBA: território e cultura como elementos da percepção ambiental em Araguaína. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos de

Cultura e Território) – Universidade Federal do Norte do Tocantins, Araguaína, 2017.

MUNDELL, John Andrew. As masculinidades de homens negros gays em Salvador da Bahia. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://www.fg2013.wwwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1385128922_ARQ_UIVO_JohnAndrewMundell.pdf>.

OYEWUMÍ, Oyerónké. Colonizando corpos e mentes: gênero e colonialismo. In: A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. ed. 1, Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 1997. p. 312-317.

OROZCO MARIN, Yonier Alexander; GUERRERO MC MANUS, Siobhan. Género y biología, cultura y naturaleza: dualismos a cuestionar para una educación en biología transgresora. *Revista Interdisciplinar em Ensino de Ciências e Matemática*, Araguaína, v. 2, n. 2, p. 14-24, dez. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.20873/riecim.v2i2.15460>>.

JÚNIOR, Orison Marden Bandeira de Melo. Masculinidades dissidentes em “pelican driver” de Davina Owombre. In: PINHEIRO, Vanessa Rimbau; JÚNIOR, Orison Marden Bandeira de Melo (Orgs.). Ascensão e queda do macho: representações de masculinidades nas literaturas africanas. p. 56-70.

RANGEL, Etuany Martins; MORAES, Luciana Pereira de; CASTRO, Bianca Gomes da Silva Muiyler Monteiro de. “Porque eu sou é homem”: uma análise dos impactos da construção social da masculinidade no cuidado com a saúde. Aracaju: Interfaces Científicas – Humana e Sociais, n.2, v.6, 2017, p. 243-252.

SOUZA, Santos Neuza. Narcisismo e ideal de ego. In: Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. ed. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 64-78.

SOUZA, Rosane Mantilla de; MACIEL JR., Plínio de Almeida; DEFENDI, Edson Luiz (Orgs.). Ser um jovem gay afeminado na comunidade LGBT. In: Ensaios sobre masculinidades na atualidade. São Paulo: EDUC, 2022. p. 65-76.

SOUZA, Anderson Reis de et al. Saúde mental de homens na pandemia da covid-19: há mobilização das masculinidades?. *Revista Brasileira de Enfermagem*, n.1, v.74, 2021, p. 1-7.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Uma história de “diferenças e desigualdades”: as doutrinas raciais do século XIX. In: O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 57-62.

SCHLICKMANN, Paulo Henrique. Abordagens e concepções de território. *Revista Pegada*, n.1, v.17, 2016, p. 390-392.

SHAUGHNESSY, JOHN. Pesquisa aplicada: o método do estudo de caso. In: Metodologia de pesquisa em psicologia. ed. 9, Porto Alegre: Editora AMGH, 2012. p. 289-315.

VIGOYA, Mara Viveros. Corpos negros masculinos: mais além ou mais aquém da pele. In: As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na nossa América. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens, 2018. p. 101-127.

ZANELLO, Valeska. Estudos de gênero, dispositivos e caminhos privilegiados de subjetivação. In: Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação.

Curitiba: Appris, 2018, p. 25-42.

